

MERCADO NEGRO

Farsa em 3 actos

por

Lília da Fonseca

P E R S O N A G E N S

Mariano Batista

D.Arminda

D.Prudência

Ermelinda20 anos

Alice15 "

Licas16 "

Quincas14 "

Chitô12 "

Américo Dias

Almeida Venâncio

Procópio Santos

Compadre Freitas

Riquitinha

Isidoro

Salgueiro

Emília - criada

José - chauffeur

1ª. Senhora

2ª. Senhora

2 polícias

7 figurantes

3 descarregadores

Gente do povo e da classe média entre a qual se
devem destacar:

Um operário

Uma rapariga com tipo de costureira

Uma mulher com um cesto na mão

Uma mulher com três crianças pequenas

Um homem com ofato limpo mas coçado

Um velhote de chapéu de coco esverdeado

Uma ~~senhora~~ senhora de chapéu fora de moda

1.º Acto

- Antes de subir o pano deve, à frente deste, descer um cartaz grande com os seguintes dizeres: " A acção passa-se em Lisboa logo após a segunda grande guerra mundial, naquele período febril dos grandes negócios, das fortunas rápidas e da grande luta do povo para adquirir géneros alimentícios. Estes estavam todos racionados e tabelados mas não apareciam na venda regular, para serem negociados a altos preços no mercado negro". Em vez de cartaz pode utilizar-se um alti-falante. -

--0--

(Lisboa, ~~actualmente~~ Na cozinha da família Batista. Cozinha modesta de empregado de escritório de pequena categoria. À E. porta para o interior da casa. Ao fundo, uma janela e a porta para a escada de serviço. Ao centro, a mesa da cozinha, onde deve haver um despertador e um batedor de bifos ou o rolo da massa. Quando o pano acaba de subir completamente, o despertador começa a tocar. Mariano Batista, de pijama e em chinelos, entra precipitadamente na cozinha e acende a luz. Em todo o acto, Batista deve dar mostras de nervosismo e ~~xxxx~~ destrambelhamento.)

Cena I

(Batista e, sucessivamente, D. Prudência, ^e D. Arminha, ~~xxxxxx~~
~~xxxxxxxx~~)

Batista - (Depois de acender a luz e olhar para o relógio) Cinco horas, muito boas horas! (vai a uma prateleira, tira uma corneta e toca-a enquanto passeia agitado pela cozinha)

D. Prudência - (Aparece apertando robe) Então o que é isto?

Batista - Estou a tocar a reunir! (continua a tocar)

D. Prudência - Isto não são maneiras de acordar uma pessoa!

Batista - Como queria a mãe que eu acordasse toda a gente a uma hora destas senão tocando a alvorada!

D. Prudência - Tu estás doido, doido varrido, aqui é algum quartel!

Batista - Nem é preciso, basta estarmos em guerra!

D. Prudência - Nós, em guerra!

Batista - Caramba que à mãe é preciso falar com todos os pontos nos ii... lá fora, a guerra lá de fora...

D. Prudência - Mas a guerra já acabou!

Batista - Há quanto tempo? Se é o mesmo que a tivéssemos tido de portas para dentro, não lhe estamos a sofrer as consequências!

D. Prudência - Bem, que Deus Nosso Senhor não nos traga outras além das que temos...

Batista - Bem, a mãe não esteia a sofismar a coisa! Acha natural terem desaparecido os géneros todos? Até mesmo aqueles que se produzem cá ou nas nossas colónias...

D. Prudência - A gente sabe lá! Às vezes compromissos do governo...

Batista - Quais compromissos! Um infamíssimo mercado negro... mas esta gente não aparece? (toca de novo a corneta)

D. Arminda - (Entrando) Oh, homem, já se ouviu!...

Batista - Não é isso que eu vejo! E a pequenada?... (toca de novo)

D. Arminda - Tenho receio que os vizinhos acordem com esta barulheira!

Batista - Deixa-os acordar! Estou certo que me seguiriam o exemplo se...

D. Prudência - (Suspirando) Assim dêem resultado os teus planos...

Batista - Então não haviam de dar! (Toca de novo com força e rapidamente junto da porta da E.)

D. Arminda - (Segurando-o por um braço) Mais devagar, homem, olha os vizinhos!

D. Prudência - (Segurando-o pelo outro) Estás doido, para que é essa bulha toda...

Batista - (Tentando libertar-se delas) Deixem-me, deixem-me, mas que sarnas!...

Cena II

(Os mesmos e Alice, Quincas e Chitô entrando estremunhados e em tropel pela E.)

Quincas - (A pentear a ganforina com os dedos) Nunca julguei que isto fosse tão cedo!

D. Prudência - Pois menino, agora para comer é preciso madrugar!

Alice - Mas que seca, então a gente agora há-de ir para as bichas?

Batista - Cala-te daí ou levas já um sopapo!

D. Arminda - Esta questão da comida irrita-te, deixa a pequena!

Batista - E vocês, não passam todos os dias irritadas e aflitas para a arranjarem? Naturalmente julgam que eu tenho sangue de barata!

Licas - Se o tio quiser eu encarrego-me da "bicha" do chouriço! (bairo para Quincas) Se arranjassemos ovos, que bela fritada!

Batista - Não, tu metes-te mas é num carrinho e vais à Ajuda onde há lá uma banhazinha daqui! (Aperta o lóbulo da orelha)

Licas - Tão longe, tio! Se aquilo dá para tarde e as aulas?

D. Arminda - Mas como sem paparoca não podes ir às aulas!...

Licas - Mas ó minha tia, banha! Eu cá nunca comi banha!...

Batista - Deixem-se de coisas! Ainda não compreenderam que se a família toda não se lança na conquista dos géneros, morremos todos de fome!

D. Arminda - E julgas que não morreremos à mesma se os arranjarmos? Ao preço a que eles estão, o dinheiro não dá nem para um mês.

Batista - (Sentando-se no mocho da cozinha, com a família ~~reaparece~~ à sua volta em semi-círculo) Ora vejamos as coisas com cal-

ma, mas calma, muita calma, ~~ben~~se vê que são mulheres, esses nervos...

Licas - Ó meu tio, eu estou aqui!

Batista - E então, e depois, seu palerma, já descobriu o processo de encher um poço com púcaros de água?

Licas - Como?

Batista - Se já viu que alguém pudesse encher os estômago só com o que o racionamento dá?

D. Prudência - Deixa lá o rapaz!

Batista - E a mãe, já encontrou a quadratura da circunf^erência?

D. Prudência - Ó filho, eu sei lá disso!

Batista - (Sempre com ar destrambelhado) Não encontrou, ora aí está, não encontrou, mas descobri-a eu eu, quer ver? O círculo dos gêneros que dizem nós podermos gastar e que não chegam nem para a cova de um dente, é bastante apertado, apertadinho, minhas filhas, muito apertadinho, heim! Mas esse círculo transforma-se num quadrado vasto, vastíssimo, se um chefe de família puxa pelos cordões à bolsa e paga com o ordenado que ~~ganhou, ganhou~~ ganhou nesse mês junto com os que há-de vir a ganhar num futuro de dez anos mais próximos (levanta-se, ^{declama} e passeia agitado) ah, é vasto, vastíssimo, chega para todos os apetites, para todos os desperdícios...

Alice - Sossegue, pai!

D. Prudência - Oh, filho, nunca te vi assim!

D. Arminda - Se continuas dessa maneira ainda adoeces...

Batista - Adoecer, adoecer! E já não é uma doença esta febre de não saber onde é que se há-de arranjar de comer, esta incerteza do dia de amanhã, esta miséria do ordenado perante o preço das coisas no mercado negro?

Quincas - Se não aproveitamos o tempo não nos valeu a pena termos levantado tão cedo!

Batista - Tens razão, mas vocês afastaram-me do assunto...(volta a sentar-se no mocho)vamos por partes, a questão apresenta-se como uma operação algébrica ... (passa a vista por todos e vê que faltam Ermelinda e Chitó) a Ermelinda e o Chitó? Então ainda não se levantaram?

D.Arminda - Já, a Ermelinda está a arranjar-se... ela não gosta de chegar tarde ao emprego...

Batista - O emprego, o emprego! Ainda é muito cedo para o emprego!

Prudência - É preciso dar desconto, a pequena leva o seu tempo a arranjar-se...

Batista - Mas sabem que horas são? Ela tem tempo mais que suficiente para fazer trinta pinturas! Esta conferência de família não pode passar sem a sua presença...era o que faltava, logo a filha mais velha! (toca a corneta várias vezes, imperiosamente)

D.Arminda - Mariano, não te exaltes!...(para Alice) Alice, vai chamar os teus irmãos...

Alice - Vou lá e trago-os por um braço ...(sai a correr)

Cena III

(Os mesmos menos Alice)

Batista - Como ia dizendo, infalível como um problema algébrico é o seguinte: (conta pelos dedos) primo, pelos preços da tabela não há carne, não há peixe...

D.Prudência - Não há banha, nem toucinho...

D.Arminda - Nem chourico, nem bacalhau...

sta - Prescindimos, ~~xxxxxxx~~ portanto, desses géneros, mas se nos

cingirmos apenas aos do racionamento mensal, temos garanti-
da a certidão de óbito por inanição no prazo de quinze dias,
quando muito... é a morte a pronto...

D. Arminda - Ó filho, que enguiço de conversa!

D. Arminda - Ele tem razão!

Batista - Não me interrompam! (continuando a contar pelos dedos) se-
cundo, nós não queremos saber de despesas e mergulhamos de
olhos fechados na faturinha de comida que há aí por todos
os lados e em quinze dias vai-se o ordenado de um mês...mas
não faz mal, metem-se vales! No fim do mês não se ^{re}cebe di-
nheiro, recebem-se os papéis dos vales, mas não faz mal,
nessa altura quem mete um vale à caixa é a filha, vai-se a
pé para o escritório e empenha-se a roupa de inverno...no
mês seguinte não se paga a renda da casa e novo vale, etc.
etc. umas habilidadezinhas mais, qualquer outra coisa etc.
e tal e ainda se consegue durar aí uns três mezitos... é a
morte a prazo!

D. Arminda - À solene) À custa de indignidades e trapacas, isso
não, filho!

Batista - Mas eu não estou a inventar, estou a mostrar-vos o panora-
ma cá da casa e a dar-vos conta da maneira como prevejo
a extinção da nossa família! A morte a pronto ou a morte a
noventa dias de vista, isto ^{é como quem diz a prazo, eis tu-} ~~é como quem diz a prazo, eis tu-~~
do!

Quincas - (para Licas) Que dizes a isto?

Licas - Digo que gostava de ser macaco!

Quincas - Macaco?

Licas - Sim, macaco! Eles são muito espertos, mas julgo que a esperte-
za deles não lhes dá, lá na selva, para racionarem ou escon-
derem a comida, por muita ou pouca que tiverem!